



CORREIO DE COIMBRA

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRECTOR: A. JESUS RAMOS
ANO 101 | N.º 4877 | 7 DE ABRIL DE 2022 | 0,75 €



VOTOS DE SANTA PÁSCOA

O Correio de Coimbra deseja a todos os amigos, colaboradores e leitores uma Santa Páscoa.
> Voltamos no dia 21 de abril



“VALA COMUM” DO COLÉGIO DE KAMLOOPS
PAPA RECEBEU DELEGAÇÕES DE POVOS INDÍGENAS DO CANADÁ
“Já vo-lo tinha dito, e repito: sinto vergonha – tristeza e vergonha – pelo papel que vários católicos tiveram em tudo aquilo que vos feriu”. > Páginas 3 e 8

JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE INICIOU A “ROTA DOS PATRONOS”, UMA INICIATIVA DO COD COIMBRA
Bispo de Coimbra deixou na celebração de abertura, em Santa Clara-a-Nova, um apelo à Igreja para acolher os jovens sem julgamentos prévios. > Página 2



A IGREJA NO ESPAÇO PÚBLICO Para afirmar uma visão do ser humano e da sociedade numa atitude propositiva



A celebração recente do centenário do *Correio de Coimbra* é apelo a uma reflexão continuada sobre o papel da imprensa católica na Igreja e na sociedade. Fomos aprofundar um pouco mais esta reflexão com Paulo Fontes, Professor da Faculdade de Teologia e Diretor do seu Centro de Estudos de História Religiosa, na Universidade Católica Portuguesa (UCP-FT/CEHR). Paulo Fontes esteve entre nós por ocasião do painel do nosso centenário. > centrais

ENFOQUE CARLOS NEVES

Um olhar inconformado

A tomada de posse do novo governo trouxe para a ribalta da reflexão nacional o problema do fraco desempenho da economia portuguesa. Pesem os muitos milhões das sucessivas bazucas europeias, a nossa economia patina, enquanto a irlandesa ou as dos países de Leste disparam e nos tiram cada vez mais para a cauda da Europa e de grande parte do mundo. Sem desculpas com a pandemia nem com os efeitos da guerra, que os outros também sofrem, os analistas apontam desde há muito três ou quatro fatores com evidência estatística para explicar o insucesso: um empresariado demasiado subsídio-dependente; uma administração pública demasiado gorda; o alto índice de micro e pequenas empresas, sem capacidade para puxar pela economia; formação profissional deficiente, tanto de empregadores como de empregados; incapacidade de fixar os jovens mais qualificados.

Tudo isto será verdade, mas também é verdade que, aqui e ali, de modo disperso, em conversa de amigo contou a amigo, se ouvem histórias de pressão dos velhos funcionários sobre o novato que entra no serviço para não despachar mais do que seis ou sete casos dos vinte que poderia despachar num dia; ou histórias de funcionários coagidos a assinar as fichas de formação que nunca lhes foi dada; ou de novas administrações cuja primeira preocupação é renovar todo o mobiliário do escritório. Já todos começamos reuniões meia hora depois da hora marcada, prolongámo-nos por mais 20 minutos ou 30 do intervalo e saímos antes de acabar. Já todos recebemos convites para atividades que não trazem nenhum valor acrescentado senão encher o ego de quem as promove... Isto, na roda baixa; se subirmos a parada, o que ouvimos falar é de corrupção, habilidades para contornar a lei, jogos de capital

de risco (que nos descapitalizam), reformas escandalosamente altas, uma das maiores disparidades salariais da Europa, compadrios de poder, corporativismos secretos, corporativismo de classe (com desprezo extremo pelo bem comum), práticas concertadas de alinhamento dos preços, justiça que se torna injusta pela lentidão...

A maioria dos cidadãos, bem entendido, é honesta, trabalhadora e preocupada com o sucesso da sua organização, empresa ou ofício. Mas falta-nos uma cultura de exigência, rigor e penalização para com todos os que trepam escandalosamente na vida à custa dos outros e depois semeiam incompetência nos processos, desalento ou não-te-rales nos operadores e baixa autoestima comum, três fatores que, salvo melhor opinião, pesam mais no fraco desempenho da economia portuguesa dos que os estatisticamente relevados. Não falta ao novo governo por onde trabalhar.

4 Grande Plano

QUINTA-FEIRA SANTA
 Missa Crismal, com a presença dos
 presbíteros e diáconos - 10h30;
 Missa da Ceia do Senhor - 21h30

Sé Nova, Coimbra



PAULO FONTES
 “É preciso dar
 expressão
 às diferentes
 correntes que
 atravessam o
 catolicismo”

“O jornal tem que tentar ser um ponto de referência para as várias correntes de opinião, de modo que o leitor possa ver nele, de alguma maneira, o modo como a Igreja, ou a sua diocese, se centra em determinado debate, ainda que a palavra não seja só a da Igreja”, defende Paulo Fernando de Oliveira Fontes, que no painel dos 100 anos do *Correio de Coimbra* falou sobre “A imprensa católica e a presença da Igreja no espaço público na época contemporânea”.

CORREIO DE COIMBRA

Senhor Professor Paulo Fontes, obrigado por aceder a esta conversa com o *Correio de Coimbra*, que gostaria de situar a esse nível de “conversa” e não de “entrevista”, propondo-lhe como tema a presença da Igreja no espaço público, através da imprensa. Terminou a sua intervenção no painel dos 100 anos do *Correio de Coimbra*, sobre este mesmo tema, dizendo que alguns estudos apontam como primeira causa do fracasso de alguns jornais católicos nacionais – o diário *Novidades* e o semanário *Terra Nova* – a falta de pluralismo no interior do próprio catolicismo português. Diante dessa constatação, o Sr. Professor deixou a pergunta: “como se passa da diversidade à valorização da pluralidade?”. É a pergunta que eu lhe faço...

PAULO FONTES

Em ambos os casos que refere – o *Novidades* e o *Nova Terra* – o projeto era ter um título nacional que fosse, de algum modo, a voz oficiosa do episcopado, logo

da Igreja; ou pelo menos na Igreja em Portugal. O *Nova Terra* foi um título de duração curta, entre 1975 e 1977. Já o *Novidades* desempenhou essa função durante décadas, mas num contexto muito particular, em que o espaço da Igreja para a sua presença pública era limitado ao religioso, quando muito ao social, e onde era suposto as questões cívicas e políticas não serem colocadas. Mas com a instauração da democracia, na Revolução do 25 de Abril, coloca-se a toda a sociedade portuguesa o problema de um debate político aberto. Portanto, qualquer órgão de imprensa que quisesse veicular cultura e opinião teria também que entrar no debate político, o que era tanto mais importante quanto o catolicismo, e a Igreja, sentiam essas novas dinâmicas de uma sociedade que procurava afirmar e construir uma democracia como, numa expressão pela positiva, desafiantes. Eventualmente esta foi a dificuldade do *Novidades* e, portanto, creio que tem toda a pertinência pôr esta questão, embora certamente as razões económicas também pe-

sem bastante: sem investimento não há corpos profissionais, não há qualidade, não há difusão...

Agora, alargando a reflexão, como é que se passa da diversidade à pluralidade? Penso que, em primeiro lugar, importa reconhecer e explicitar qual é o lugar da Igreja católica no espaço público – o que lhe compete e o que não lhe compete. A Igreja intervém no espaço público não para defender uma qualquer reforma ideológica, ou para intervir nas disputas partidárias mais imediatistas, mas para afirmar uma visão sobre o ser humano e a sociedade a partir daquilo que é a sua tradição e o seu pensamento social, numa atitude propositiva. E fá-lo, aceitando à partida que nesse espaço público há outros intervenientes com visões diferentes da sua; não estamos numa situação de hegemonia cultural, como porventura aconteceu no passado. Portanto, a Igreja se quer argumentar no espaço público terá que o fazer com argumentos válidos fora das suas próprias fronteiras, apelando a uma visão do ser humano – a uma

antropologia – numa proposta aberta, mas que radica na sua visão cristã.

Segundo requisito: é preciso dar expressão às diferentes correntes que atravessam o catolicismo. O catolicismo é uno, com certeza, mas não é homogéneo. Comporta no seu interior visões e vivências diferenciadas, embora não ferindo a unidade no essencial. Recorrendo à linguagem religiosa, há maneiras diferentes de “dar testemunho”: pela exemplaridade de vida, pelo serviço à sociedade, pela palavra e pela intervenção mais discursiva sobre as grandes questões da sociedade e da humanização, pela dimensão mais simbólica da prática religiosa e mais valorativa da ação litúrgica *stricto sensu*... De facto, o catolicismo tem múltiplas formas de se expressar e múltiplos entendimentos no seu interior, e é preciso dar expressão a esta diversidade que o atravessa, sem ter medo que tal diversidade ponha em causa a unidade. Para isso é preciso diversificar a palavra, ouvir a opinião, suscitar o debate interno, não só em favor do próprio

“

Uma Igreja que quer ser do seu tempo e estar na sociedade tem que encontrar nela formas de presença, de representação e até de respiração mais plurais.

catolicismo, mas também da sua presença no espaço público, pois, como é evidente, para que esse debate exista no exterior tem que existir primeiro no seu interior. Se quiser, recorrendo a uma linguagem mais teológica e bastante atual, fala-se de sinodalidade: de fazer caminho em conjunto na procura do seguimento de uma pessoa, Cristo. Isto vale para cada pessoa, associação, movimento, congregação religiosa, comunidade, diocese – onde há sempre dife-



SEXTA-FEIRA SANTA
Laudes e Ofício de Leitura - Sé Velha (9h30)
Celebração da Paixão do Senhor - Sé Nova (15h)
Via Sacra, do Seminário para a Sé Nova (21h30)
 Celebrações presididas pelo Bispo de Coimbra

Entrevista 5

rentes sensibilidades, diferentes opções, diferentes posições políticas, etc. É preciso não ter medo do debate.

Mas é possível um jornal diocesano, como o Correio de Coimbra, numa instituição tão hierarquizada, como a Igreja, abrir hoje, por exemplo, uma frente de debate sobre o sacerdócio da mulher, quando o assunto foi considerado “fechado” pela doutrina papal?

Essa é uma pergunta que tem que ser respondida pela Igreja diocesana de Coimbra, com o seu Bispo à cabeça, e que terá de considerar se esse debate é importante para si, para a sociedade e para Igreja em geral, e se esse “fechamento” é definitivo, ou se há ainda janelas abertas. É a própria Igreja que suscita, na linha da sinodalidade de que falávamos, alguns pontos para que essa reflexão se faça. Quando foi recriada recentemente uma nova Comissão para repensar os ministérios na Igreja primitiva – se havia mulheres que exerciam o diaconado no feminino e em que termos... – isso significa que essa questão está em aberto do ponto de vista da reflexão histórica e teológica. Quando o Vaticano escolhe mulheres para lugares no topo da Cúria romana, suscita intencionalmente rostos de Igreja diferentes...

O que penso é que – na linha da tradição católica – importa não afunilar a reflexão em termos de um “sim” ou de um “não” a um tópico estrito, como seja a reflexão do acesso das mulheres ao sacerdócio ordenado, mas que a reflexão deve ser colocada do ponto de vista do que é essencial para o conjunto dos crentes. Quando na reflexão cultural se questionam padrões societários de tipo patriarcal, é natural que os cristãos também tenham que se interrogar sobre isto, não só e nem tanto ao nível da opinião, mas sobretudo ao nível da reflexão bíblica, teológica... É um debate que se vai fazendo no dia a dia, e creio que é um debate que está em aberto, porque a questão principal é societal: uma Igreja que quer ser do seu tempo e estar na sociedade tem que encontrar nela formas de presença, de representação e até de respiração mais plurais. É, portanto, uma questão que tem de ser refletida a vários níveis e não pode ser colocada exclusivamente a nível do “poder”, embora essa dimensão seja importante e a Igreja integre a dimensão de hierarquia, como disse. Mas a Igreja integra também a dimensão da participação: o próprio Direito Canónico obriga – não “permite” – obriga à constituição de diversos órgãos de participação. Mas quantos cristãos sabem da existência dos conselhos na sua paróquia, na sua diocese? Que tipo de conselhos existem? Como são escolhidos os seus membros? E certamente esta maior “participação” poderia ter efeitos também, por exemplo, nas dinâmicas cate-

quéticas para a transmissão da fé – uma questão central; ou na liturgia, revisitando o entendimento diferente que o Concílio proporcionou da mesma. De facto, se há expressão diferenciada de sensibilidades, de visões, etc., isso começa no ensino catequético e na experiência litúrgica.

A sociedade em que hoje vivemos tende a espalhar as pessoas por muitas solicitações e, por isso, as pessoas defendem-se... E se não veem a utilidade do esforço que lhes é pedido, sentem pouca disponibilidade para participar de uma maneira orgânica e integrada. Portanto, diria que há aqui a necessidade de um *continuum* de reflexão e adaptação, a par da necessidade de uma revisão doutrinal sobre certas matérias.

Não haverá também, do exterior, uma cultura predisposta a rejeitar tudo o que traga o rótulo de “católico”?, um certo “politicamente correto” que se impõe a todos, mesmo aos católicos, e que percorre o humor, as causas, os comportamentos, ou mesmo combates ideológicos, e que à hora de carregar no comando da televisão escolhe outros canais e rejeitou já dois projetos de uma televisão católica em Portugal?...

Não creio que possamos dizer que haja, à partida, uma posição generalizada de rejeição do que vem da Igreja. Há até uma certa simpatia pelas posições da Igreja em variadíssimos temas que têm ressonância nas pessoas. Nos últimos pontificados, por exemplo, embora por razões de diferente tonalidade, verificamos uma atenção muito grande à figura do Papa, e diria que com um bom acolhimento, ou pelo menos com uma atitude benevolente à partida.

Agora, falando de Portugal, ou mesmo do espaço europeu, há uma dificuldade derivada do afastamento – não “rejeição” – das pessoas que, vindo de uma tradição religiosa cristã, deixaram de se identificar com ela. Muitas delas continuam a dizer-se “crentes” – são os “crentes sem religião” dos censos: ou seja, têm uma posição crente de partida, mas não uma identificação ou um sentimento de pertença a uma Igreja. Isso não significa necessariamente “uma religião à la carte”, de que às vezes as pessoas são acusadas, mas simplesmente uma atitude crítica que resultou num afastamento, situação que precisa ser refletida. Por isso, as pessoas são recetivas quando lhes aparece alguém com um discurso religioso de que gostam – digo “discurso” não referido apenas às ideias, mas sobretudo às pessoas – de reconhecido mérito cultural, artístico, político, científico e que se afirmam cristãs – porque estas figuras combinam o ser pessoas deste tempo e a capacidade para pensar por si mesmas com a afirmação da

sua convicção religiosa. Por outro lado, o que as pessoas muitas vezes rejeitam são ideias, propostas e visões que a própria Igreja hoje já não tem ou não formula da mesma maneira.

Não descendo a cada um dos temas que enunciei (cada um deles abre uma inteira frente de debate) penso, todavia, que as pessoas hoje são sensíveis ao que a Igreja propõe sobre o valor da vida humana, sobre a condenação da guerra e os caminhos para a paz, sobre a procura de uma vida de integridade e espiritualidade... Onde há uma maior



“
Hoje, o “pertencer” tem que ter razões de autenticidade na vida das pessoas. Isto é sinal de uma sociedade em que o valor da autenticidade é muito qualificado, e o ponto de partida para as pessoas é a sua vida concreta nessa procura de autenticidade.

na pertença institucional. Mas muitas das questões que aí são levantadas, por exemplo quanto às estruturas, ou quanto à moral, também vêm ao de cima entre os crentes, por exemplo, no processo sinodal que estamos a viver. Há uma necessidade de olhar de um modo novo, não numa lógica ideológica ou reivindicativa, mas vivencial, algumas realidades que um certo discurso moral não tem tido capacidade de integrar e dar expressão, como, por exemplo, todas as questões relativas à vivência da sexualidade. O catolicismo, ou outras fórmulas cristãs, deixou de ser um referente obrigatório ou tradicional para toda a gente, para ser um elemento de adesão. Radica também aí o número cada vez maior de pessoas que adere ao catoli-

cismo na sua vida adulta, por opção. Hoje, o “pertencer” tem que ter razões de autenticidade na vida das pessoas. Isto é sinal de uma sociedade em que o valor da autenticidade é muito qualificado, e o ponto de partida para as pessoas é a sua vida concreta nessa procura de autenticidade.

Mas é evidente que a Igreja católica deixou de ser hegemónica e, nesse sentido, tem que se ir encontrando fórmulas de encontrar equilíbrios entre diferentes visões sobre como regular civicamente determinadas questões. Por exemplo, todo o debate que o Sinodo da Família abriu e não fechou sobre questões como o acesso dos divorciados recasados aos sacramentos, levou a uma prática pastoral da Igreja muito diferenciada; em Portugal, a maior parte das dioceses até criou um processo próprio para estas situações. Há dez anos atrás isto não era possível.

Repondo, noutros termos, a mesma questão: não há em Portugal, hoje, um anticlericalismo que condiciona o próprio modo de estar da Igreja no espaço público?

Historicamente, nós conhecemos o anticlericalismo. É natural que haja ainda muitos lugares e expressões de anticlericalismo, mas não creio que sejam relevantes. Quando estudamos o anticlericalismo, percebemos que ele é tanto mais forte quanto mais forte é o clericalismo. É uma reação à força do clericalismo. Ora, hoje estamos numa sociedade em que essa clericalização das estruturas da sociedade já não existe; subsiste muitas vezes, isso sim, no interior de muitas comunidades. Por exemplo, nas sociedades sacrais havia o crime de blasfémia, um crime maior; nas sociedades seculares a religião está presente, mas já não é possível tipificar o que é um crime de blasfémia, embora haja o crime de ofensa gratuita aos sentimentos e às opiniões de terceiros. A atitude relativa ao humor, por exemplo, que tinha referido, é indicativa desta mudança: o próprio humor com certo tipo de religioso, para muita gente, já deixou de fazer sentido, porque a lógica de “anti-” ainda era uma rebelião, uma reação relativamente a um paradigma de domínio e de hegemonia; mas à medida que este paradigma vai desaparecendo, as reações também tendem a esbater-se.

Voltamos à imprensa católica regional. Que fragilidades e desafios lhe apontaria?

Para fazer um juízo de valor teria que ter um trabalho mais analítico, de que não disponho. Em todo o caso, acho que hoje a imprensa em geral, não só a católica, tem um desafio grande, que vem de uma cultura do visual. As novas redes hoje tendem a substituir o que eram os meios tradicionais de informação e de opinião.

Depois, põe-se também o problema da capacidade de sus-

tenção económica para a imprensa em geral e, por isso, seguramente também para a imprensa católica. Como suportar um bem que as pessoas usam, mas a que não dão o devido valor económico? Este é um problema da sociedade e da Igreja, e que a Igreja deve pensar: nem sempre estamos habituados a traduzir em valor económico aquilo a que dizemos que damos valor! A imprensa tem que se pagar de alguma maneira. Pode não sobreviver só pelos leitores, pelos anunciantes, com certeza, mas é preciso que nos habituemos a criar aqui um elo de responsabilidade. Se consideramos que o que estamos a produzir é um bem, isso tem também que se traduzir num gesto económico por quem o valoriza. Tem que haver outros mecanismos de corresponsabilização económica, também para as outras dimensões da vida da Igreja, que não seja só a esmola.

Para além disso, o que contacto, apesar de todas as dificuldades (não haver leitores, não haver dinheiro, etc.), é a muito significativa perdurabilidade de alguns títulos. Isso deve ser valorizado. Há títulos centenários, como é o caso do Correio de Coimbra. Mas será necessário pensar permanentemente como é que estes títulos podem ser integrados ao serviço de determinados projetos da Igreja e da sociedade. Jornais que se fecham apenas numa dinâmica eclesialística têm o seu público, mas não é isso que faz uma imprensa regional. Precisamos de mais-valia: entrevistas, notícias de diferentes âmbitos, dar rosto e expressão a temas que vão para além do meramente eclesialístico.

“
Nem sempre estamos habituados a traduzir em valor económico aquilo a que dizemos que damos valor! A imprensa tem que se pagar de alguma maneira.

Como é que estes jornais podem contribuir para a “formação de uma opinião pública sustentada na sociedade e na Igreja” (voltando a um desafio que o Senhor Professor deixou no painel dos 100 anos do Correio de Coimbra)?

Através do existir, do trazer o testemunho vivo daqueles que

continua na página 7



AMO A IGREJA, LEIO O SEU JORNAL
100 anos do *Correio de Coimbra*:
com o foco na informação, no diálogo
com a cultura e na evangelização.

Procure na sua paróquia, ou faça-se assinante.

Opinião

A pessoa de Jesus e os seus “defeitos”

Adriano Santo



Recentemente, D. Tolentino de Mendonça presidiu ao funeral do notável escritor Eduardo Lourenço, tendo referido: “um dia falando-lhe da pessoa de Jesus ele disse-me chorando: não há nada de superior a Jesus, o Homem-Deus que proclamou bem-aventurados os pobres, os humildes, os misericordiosos, os puros do coração, os construtores da paz... não há nada superior a isto!” São palavras de um crente que assim mostra o fascínio pela pessoa de Jesus Cristo, vê n'Ele o Messias anunciado que deu ao mundo a boa nova da salvação, apontando aos homens por palavras e gestos e também pela sua morte os melhores caminhos da felicidade. Na ver-

dade, a personalidade de Jesus é extraordinariamente rica. Impõe-se proclamando a verdade, condenando os erros e a hipocrisia e também por uma postura extremamente humana e superior, perdoadando e reabilitando as pessoas. É que Ele, como Filho de Deus, não veio ao mundo para o condenar, mas para o salvar (Lc, 15).

Hoje, volvidos vinte séculos, quase metade da humanidade crê e gira à sua volta, em seu nome muitos milhares de pessoas selam a sua fidelidade com tortura e vivem presas da sua palavra e do seu encanto. São multidões os que por Jesus consagram as suas vidas ao anúncio do Evangelho e a obras de amor ao próximo em carida-

de e em promoção social. Sempre o encontro com Jesus teve o condão de mudar para melhor a vida das pessoas. Assim aconteceu com os pescadores da Galileia que se tornaram seus discípulos, a samaritana, a mulher adúltera, Zaquer e tantos habitantes da Palestina. Após a sua morte, as primeiras comunidades cristãs impressionavam não crentes, pelo seu sentido de viverem seriamente o amor ao próximo proclamado por Jesus, exclamando: “Vede como eles se amam!”

O fascínio por Jesus a par de todos os motivos que lhe conferem a sua condição de Pessoa humana e divina vem-lhe também, paradoxalmente, dos seus “defeitos”. Defeitos? É o que diz

François Van Thuan, Cardeal do Vietname, o qual, por exercer o seu digno ministério, foi preso pelo governo comunista em Saigão (Hanoi) durante treze anos. Diz ele com graça: “abandonei tudo para seguir Jesus porque amo os seus ‘defeitos’. Defeitos? Quais são? Eis:

- Jesus não tem boa memória. Na cruz diz ao ladrão arrependido: ‘Hoje mesmo estarás comigo no paraíso!’. Jesus esquece tudo, tudo e reabilita as pessoas. Parece realmente não ter memória. Vence o amor.

- Jesus não sabe matemática. Ele deixa as noventa e nove ovelhas à cata da ovelha perdida. Então uma só vale mais do que noventa e nove? (Lc, 15). O amor baralha as contas e é o que vence.

- Jesus é um aventureiro. Em vez de prometer benesses a quem O seguisse, Ele promete sacrifícios e perseguições (Mt, 5). A realidade é que são multidões os que seguiram e seguem. O amor liberta e vence.

- Jesus nada entende de finanças. Aos ‘trabalhadores da vinha’ paga o mesmo aos que entraram de manhã e aos que entraram ao longo do dia, mostrando generosidade (Mt, 20). Numa empresa Ele abriria fã-lência... o amor não faz contas!

- Jesus seria mau professor. Ele revelou qual o tema do exame final na hora da morte. Sabemos assim qual a matéria do exame previamente. Com tal critério, um professor do Estado seria demitido...

Tem Jesus estes “defeitos” porque ele é Amor e o amor autêntico não raciocina, não põe barreiras, não calcula, não recorda ofensas – perdoa e recupera a vida. A pessoa de Jesus por isso deve ser encarada na perspectiva da bondade e da misericórdia, muito acima dos padrões e princípios dos homens. Sem dúvida que a sua mensagem até pelos seus “defeitos” tornam-n'O único, o autêntico caminho de perfeição e da libertação.



PADRE AMÉRICO

Padre Américo!

Manuel Mendes

Com oração, estudo e perseverança, Américo Monteiro de Aguiar foi-se preparando e vivendo com muita alegria as etapas do seu *Caminho da Luz*, em direção ao sacerdócio ministerial. Assim, na certeza da fé e com esperança fundada em Jesus Cristo Pastor e Servo, para o serviço da caridade, que sempre o marcou, foi ordenado Diácono por D. António Antunes [1875-1948], Bispo Coadjuutor de Coimbra [Boletim da Diocese de Coimbra, ano 15, 1929, p.20], em 7 de Abril de 1929, na Capela de S. Tomás de Aquino, do Seminário de Coimbra, Em Junho de 1929, concluiu o 3.º ano de Teologia: *No dia vinte e cinco de Junho de mil novecentos e vinte e nove fizeram acto do terceiro ano Teológico: Américo Monteiro de Aguiar, filho de Ramiro Monteiro de Aguiar, natural de Salvador de Galegos (Porto) e foi aprovado com treze valores* [Arq.º Sem.º Coimbra, Livro de exames, 1929, fls. 70], assinando a acta os Padres Luis Lopes de Melo [1885-1951], Manuel Trindade Salgueiro [1898-1965] e Elias Luis Aguiar [1880-1936].

De 22 a 27 de Julho de 1929, esteve em retiro espiritual com outros ordinandos. Finalmente, chegou o dia 28 de Julho, em que, na Capela de Nossa Senhora da Anunciação, do Seminário de Coimbra, Américo Monteiro de Aguiar, com 41 anos, Augusto Nunes Pereira [de Fajão] e José Marques da Silva [de Almoester] foram ordenados de Presbítero pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Luis [Boletim da Diocese de

Coimbra, ano 15, 1929, p.66]. Do seu Bispo escreveu: *Deu-me Ordens Sacras, fez-me Sacerdote: o maior de todos os títulos para a maior de todas as gratidões* [Correio de Coimbra, 14 Março 1936, p. 4]. Desde esse momento determinante, tão desejado e fundamental na sua vida ao encontro do Mestre, passou a assinar de forma muito significativa: *Padre Américo!* No seu percurso espiritual, manifestou dúvidas sobre a presença Eucarística, mas acabou por se entregar na beleza da nuvem do Ser divino, quando o Bispo de Coimbra lhe impôs as mãos e o ungiu para celebrar os Mistérios da Fé. Em 29 de Julho, na Capela das Irmãs Coadjuadoras do Seminário de Coimbra, celebrou Missa de início de ministério, sendo assistido pelo Cônego Manuel Fernandes Nogueira [1861-1944], director espiritual, e pelo seu irmão Padre José de Aguiar. Por essa altura, disse: *Já não tenho tempo de perder mais tempo* [Penafiel, n.1, 1972, p.44].

Em 5 de Agosto de 1929, celebrou Missa Nova na Igreja paroquial do Salvador de Paço de Sousa, conforme relatou em carta a Simão Neves [II-VIII-1929]: *no dia 5 do corrente fui a Paço de Sousa celebrar em comemoração dos nossos mortos, à beira dos vivos. Igreja cheia. Festa toda espiritual, silenciosa, grande como o pensamento, modesta como as violetas. Não houve nada que fizesse olhar para fora; tudo para dentro! Meu irmão Jaime, ex-discípulo de Reman, Voltaire e outros, recebeu das minhas mãos pecadoras o Corpo de Nosso*

senhor Jesus Cristo. Da mesma maneira outros irmãos que há muitos anos o não faziam e muita gente da terra, muita, muita gente. Antes, fiz uma pequenina alocução acerca da presença real, do mistério da Eucaristia [O Gaiato, n. 401, 25 Julho 1959].

Sobre este momento muito forte da vida cristã, é oportuno recordar modelos que se revelaram inspiradores. É notório o que diziam de S. Vicente de Paulo [1581-1660]: *Meu Deus, como este Padre diz tão bem a Missal* [P.º Berbiguier – Vida popular de S. Vicente de Paulo, Porto, 1889, p.173-174]. Sendo muito devoto deste sacerdote, amigo dos pobres, escreveu: *Vicente de Paulo, na piolhice das mansardas e à beira das galés, a aliviar das grilhetas os condenados a elas – ele que tinha lugar marcado à mesa de reis – o Padre mais Padre de todos os tempos [Pão dos Pobres, I, Coimbra, 1941, p.87]. Num encontro significativo após a ordenação [1841] de S. João Bosco [1815-1888], a mãe Margarida [1788-1856, Venerável], olhando-o nos olhos, disse: És padre: dizes a Missa; a partir de agora estás mais perto de Jesus Cristo. Recorda-te, porém, que começar a dizer Missa quer dizer começar a sofrer* [Arthur J. Lenti – Dom Bosco: história e carisma, I, EDB, 2012, p. 315]. Na vida deste apóstolo das crianças e dos adolescentes também se inspirou, dizendo: *Eu quero os meus filhos no Paraíso* [O Gaiato, n. 68, 5 Out. 1946].

Em 1929-1930, o Padre Américo continuou os seus estudos Teológicos. E, ainda, foi nomeado Prefeito, dos alunos médios [segunda prefeitura], e Professor de Português, dos Preparatórios, no Seminário Episcopal de Coimbra. Em 20 de Outubro de 1929, na abertura solene das aulas, recebeu um prémio de 100\$00, por

se ter distinguido nas homilias na Igreja do Seminário [Boletim da Diocese de Coimbra, ano 15, 1929, p. 89]. Finalmente, com 42 anos, concluiu o Curso Teológico [4.º Ano], no Seminário de Coimbra, conforme se verifica: *No dia quinze de Abril de mil novecentos e trinta e trinta, fez, por concessão de Ex.ºº Prelado, acto do quarto ano Teológico: Américo Monteiro de Aguiar, filho de Ramiro Monteiro de Aguiar, natural do Salvador de Galegos (Diocese do Porto), que foi aprovado com doze valores. / António, Bispo Coadjuutor/ Tomás Fernandes Pinto/ José Antunes [Arq.º Sem.º Coimbra, Livro de exames, 1930, fls. 18]. Contudo, veio a cair doente, cansado de cinco anos de estudos filosóficos e Teológicos, em Latim.*

A devoção do Padre Américo pelo Poverello mereceu lugar de destaque [v.g., imagem na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa], conforme escreveu: *Sinto desejos de ser Francisco de Assis, para abraçar este espaço imenso de luz e de vida, desprendido, como o Pobrezinho, de tudo quanto possa ligar a gente às ninharias do mundo [Pão dos Pobres, I, 1941, p.45]. Deste modo, foi insistindo na sua readmissão à Ordem dos Frades Menores, conforme é comprovado. Assim: O Definitório, a 29.12.1929, perante o pedido de readmissão, resolve-se readmitti-lo ao noviciado, mas só depois de se falar com o Ex.ºº e Rev.ºº Sr. Bispo de Coimbra, em cuja diocese o interessado se ordenou e reside, e com o R. P. Luís do Patrocínio, que foi Mestre de Noviços dele. Não foi readmitido. Em face de novo pedido, o Definitório, a 11.9.1931, resolve readmitti-lo. A readmissão, porém, não se concretizou [inf.ºº P.º Henrique Pinto Rema, OFM; Arq.º Ordem dos Frades Menores, Lx.º].*

ENTREVISTA

A Igreja no espaço público

continuado da página 8

nas comunidades são crentes, do trazer para o espaço de debate temas e questões relativamente às quais a Igreja se possa sentir menos à vontade (porque ainda não as pensou, porque as suas respostas podem ser mais contraditadas, por outra razão qualquer), através da valorização da diversidade de vozes e de experiências que atravessa a vida eclesial e social. Depois, nalguns campos terá que haver um trabalho mais noticioso, noutros mais de reflexão. A própria imprensa pode articular-se com debates existentes, ou ser ela a promovê-los. Porque não, por exemplo, o Correio de Coimbra, em articulação com a Diocese, promover um debate anual sobre determinado tema da atualidade eclesial ou social? Isso pode criar diferentes dinâmicas que vão esbatendo o muro entre o emissor e o recetor...

No fundo, o jornal tem que tentar ser um ponto de referência para as várias correntes de opinião, de modo que o leitor possa ver nele, de alguma maneira, o modo como a Igreja, ou a sua diocese, se centra em determinado debate, ainda que a palavra não seja só a da Igreja. Tudo isto exige uma certa imaginação e criatividade, que se vão construindo.

Por último, é importante referir a relevância da informação local, porque este tipo de imprensa enraiza muito aí.